

LIÇÃO 10 - A Divisão da Proposição por Parte do Sujeito e a Oposição de Afirmação e Negação em Proposições Universais e Indefinidas

17a 38 Uma vez que algumas das coisas com que nos preocupamos são universais e outras singulares" — por "universal" entendo aquilo que é de tal natureza que pode ser predicado de muitos, e por "singular" aquilo que não o é; por exemplo, "homem" é universal, "Cálias" é singular —

17b 1 temos que enunciar, ou de um universal ou de um singular, que algo lhe pertence ou não pertence.

17b 3 Se, então, é enunciado universalmente de um universal que algo lhe pertence ou não pertence, as enunciações serão contrárias. Por "enunciado universalmente de um universal" entendo enunciações como "Todo homem é branco", "Nenhum homem é branco".

17b 7 Por outro lado, quando as enunciações são de um universal, mas não enunciadas universalmente, não são contrárias, embora seja possível que as coisas significadas sejam contrárias.

17b 8 Entendo por "enunciado de um universal, mas não universalmente" enunciações como "O homem é branco... O homem não é branco". Pois, embora "homem" seja um universal, não é usado como universal na enunciação; pois "todo" não significa o universal, mas significa que é tomado universalmente.

17b 12 Mas quanto ao predicado, o universal predicado universalmente não é verdadeiro; pois nenhuma afirmação será verdadeira na qual um predicado universal seja predicado

universalmente, por exemplo, "Todo homem é todo animal".

1. O Filósofo acaba de dizer que a contradição é a oposição da afirmação e da negação da mesma coisa do mesmo sujeito. Em seguida a isso, ele distingue as diversas oposições de afirmação e negação, com o propósito de saber o que é a verdadeira contradição. Ele primeiro estabelece uma divisão da enunciação que é necessária para assinalar a diferença dessas oposições; em seguida, começa a manifestar as diferentes oposições onde diz: *Se, então, é enunciado universalmente de um universal que algo lhe pertence ou não pertence*, etc. A divisão que ele dá é tomada da diferença do sujeito e, portanto, ele divide primeiro o sujeito das enunciações; depois, conclui com a divisão da enunciação, onde diz: *temos que enunciar, ou de um universal ou de um singular*, etc.

2. Ora, o sujeito de uma enunciação é um nome ou algo tomado no lugar de um nome. Um nome é um som vocal significativo por convenção de um pensamento simples, que, por sua vez, é uma semelhança da coisa. Por isso, Aristóteles distingue o sujeito da enunciação por uma divisão das coisas; e diz que, das coisas, algumas são universais, outras singulares. Em seguida, explica os membros desta divisão de duas maneiras. Primeiro, define-os. Depois, manifesta-os por exemplo quando diz: "homem" é universal, "Platão" singular.

3. Há uma dificuldade acerca desta divisão, pois o Filósofo prova na *Metafísica* VII [14: 1039a 23] que o universal não é algo existente fora da coisa; e nas *Categorias* [5: 2a 11] diz que as segundas substâncias estão apenas nas primeiras substâncias, i.e., nos singulares. Portanto, a divisão das coisas em universais e singulares não parece ser consistente, visto que, segundo ele, não há coisas que sejam universais; pelo contrário, todas as coisas são singulares.

4. As coisas aqui divididas, contudo, são as coisas como significadas por nomes — nomes estes que são sujeitos de enunciações. Ora, Aristóteles já disse que os nomes significam as coisas apenas por mediação do intelecto; portanto, esta divisão deve ser tomada como uma divisão das coisas como apreendidas pelo intelecto. Ora, de fato, tudo o que está unido nas coisas pode ser distinguido pelo intelecto quando um deles não pertence à noção do outro. Em qualquer coisa singular, podemos considerar o que é próprio da coisa na medida em que é esta coisa, por exemplo, o que é próprio de Sócrates ou de Platão na medida em que é este homem. Podemos também considerar aquilo em que ela concorda com certas outras coisas, como, que Sócrates é um animal, ou homem, ou racional, ou risível, ou branco. Por conseguinte, quando uma coisa é denominada a partir do que pertence apenas a esta coisa na medida em que é esta coisa, diz-se que o nome significa um singular. Quando uma coisa é denominada a partir do que é comum a ela e a muitas outras, diz-se que o nome significa um universal, pois significa uma natureza ou alguma disposição que é comum a muitos.

Imediatamente após dar esta divisão das coisas, então — não das coisas absolutamente como são fora da alma, mas como são referidas ao intelecto — Aristóteles define o universal e o singular através do ato da alma intelectual, como aquilo que é tal que pode ser predicado de muitos ou de apenas um, e não segundo algo que pertence à coisa, isto é, como se estivesse a afirmar tal universal fora da alma, uma opinião relativa ao ensinamento de Platão.

5. Há um ponto adicional que devemos considerar em relação a esta porção do texto. O intelecto apreende a coisa — entendida segundo a essência ou definição da coisa. Esta é a razão pela qual

Aristóteles diz no *De Anima* III [4: 429b 10] que o objeto próprio do intelecto é o que a coisa essencialmente é. Ora, às vezes a natureza própria de alguma forma entendida não repugna estar em muitos, mas é impedida por algo outro, seja por algo que ocorre acidentalmente (por exemplo, se todos os homens, exceto um, morressem) ou por causa da condição da matéria; o sol, por exemplo, é apenas um, não porque repugna à noção de sol estar em muitos segundo a condição de sua forma, mas porque não há outra matéria capaz de receber tal forma. Esta é a razão pela qual Aristóteles não disse que o universal é aquilo que é predicado de muitos, mas aquilo que é de tal natureza que pode ser predicado de muitos.

6. Ora, visto que toda forma que é constituída de modo a ser recebida na matéria é comunicável a muitas matérias, há duas maneiras pelas quais o que é significado por um nome pode não ser de tal natureza que possa ser predicado de muitos: de um modo, porque um nome significa uma forma como terminada nesta matéria, como no caso do nome "Sócrates" ou "Platão", que significa a natureza humana como está nesta matéria; de outro modo, porque um nome significa uma forma que não é constituída para ser recebida na matéria e, conseqüentemente, deve permanecer *per se* una e singular. A brancura, por exemplo, seria apenas uma se fosse uma forma não existente na matéria e, conseqüentemente, singular. Esta é a razão pela qual o Filósofo diz na *Metafísica* VII [6: 1045a 36–1045b 7] que se houvessem espécies separadas de coisas, como Platão sustentava, elas seriam indivíduos.

7. Poder-se-ia objetar que o nome "Sócrates" ou "Platão" é de tal tipo que pode ser predicado de muitos, pois nada impede que sejam aplicados a muitos. A resposta a esta objeção é evidente se considerarmos as palavras de Aristóteles. Observe que ele divide as coisas em universais e particulares, não os nomes. Deve-se entender disso que o que é dito ser universal não tem apenas um nome que pode ser predicado de muitos, mas o que é significado pelo nome é de tal natureza que pode ser encontrado em muitos. Ora, este não é o caso dos nomes mencionados, pois o nome "Sócrates" ou "Platão" significa a natureza humana como está nesta matéria. Se um destes nomes é imposto a outro homem, significará a natureza humana em outra matéria e, portanto, outra significação do mesmo. Conseqüentemente, será equívoco, não universal.

8. Quando diz: *temos que enunciar, ou de um universal ou de um singular, que algo lhe pertence ou não pertence*, ele infere a divisão da enunciação. Visto que algo é sempre enunciado de alguma coisa, e das coisas algumas são universais e outras singulares, segue-se que, às vezes, será enunciado que algo pertence ou não pertence a algo universal, às vezes a algo singular.

A construção da frase foi interrompida pela explicação de universal e singular, mas agora podemos ver o significado: Visto que algumas das coisas com que nos preocupamos são universais e outras singulares... temos que enunciar, seja de um universal ou de um singular, que algo lhe pertence ou não pertence.

9. Em relação ao ponto que está sendo tratado aqui, temos que considerar as quatro maneiras pelas quais algo é enunciado do universal. Por um lado, o universal pode ser considerado como que separado dos singulares, seja subsistindo *per se* como Platão defendia, ou segundo o ser que possui no intelecto como Aristóteles defendia; considerado assim, algo pode ser-lhe atribuído de duas maneiras. Às vezes atribuímos-lhe algo que pertence apenas à operação do intelecto; por exemplo, quando dizemos: "Homem", seja o universal ou a espécie, "é predicável" de muitos. Pois

o intelecto forma intenções deste tipo, atribuindo-as à natureza entendida conforme compara a natureza às coisas fora da mente. Mas, às vezes, atribuímos algo ao universal assim considerado (isto é, como é apreendido pelo intelecto como uno) que não pertence ao ato do intelecto, mas ao ser que a natureza apreendida tem nas coisas fora da alma; por exemplo, quando dizemos "O homem é a mais nobre das criaturas". Pois isso verdadeiramente pertence à natureza humana tal como está nos singulares, visto que qualquer homem singular é mais nobre do que todas as criaturas irracionais; contudo, todos os homens singulares não são um único homem fora da mente, mas apenas na apreensão do intelecto; e o predicado é-lhe atribuído desta forma, isto é, como a uma coisa una.

Por outro lado, atribuímos algo ao universal como está nos singulares de outra maneira, e esta é dupla: às vezes é em vista da própria natureza universal; por exemplo, quando lhe atribuímos algo que pertence à sua essência, ou que se segue dos princípios essenciais, como em "O homem é animal", ou "O homem é capaz de rir". Às vezes é em vista do singular no qual o universal se encontra; por exemplo, quando atribuímos algo ao universal que pertence à ação do indivíduo, como em "O homem anda".

Além disso, algo é atribuído ao singular de três maneiras: de uma maneira, como ele é sujeito ao intelecto, como quando dizemos "Sócrates é um singular", ou "predicável de um só"; de outra maneira, por razão da natureza comum, como quando dizemos "Sócrates é um animal"; de terceira maneira, por razão de si mesmo, como quando dizemos "Sócrates está andando".

As negações variam no mesmo número de maneiras, visto que tudo o que pode ser afirmado também pode ser negado, como foi dito acima.

10. Esta é a terceira divisão que o Filósofo deu da enunciação. A primeira foi a divisão da enunciação em una simples e una por conjunção. Esta é uma divisão análoga naquelas coisas das quais algo é predicado primária e conseqüentemente, pois o uno é dividido segundo o anterior e o posterior em simples e composto.

A segunda foi a divisão da enunciação em afirmação e negação. Esta é uma divisão do gênero em espécies, pois é tomada a partir da diferença do predicado ao qual uma negação é adicionada. O predicado é a parte formal da enunciação e, portanto, tal divisão é dita pertencer à qualidade da enunciação. Por "qualidade" entendo qualidade essencial, pois neste caso a diferença significa a qualidade da essência.

A terceira divisão é baseada na diferença do sujeito como predicado de muitos ou de um só, e é, portanto, uma divisão que pertence à quantidade da enunciação, pois a quantidade segue a matéria.

11. Aristóteles mostra em seguida como as enunciações se opõem de modos diversos segundo a diversidade do sujeito, quando diz: *Se, então, é universalmente enunciado de um universal que algo lhe pertence ou não lhe pertence*, etc. Ele primeiro distingue os diversos modos de oposição nas enunciações; em segundo lugar, mostra como essas diversas oposições se relacionam de maneiras diferentes com a verdade e a falsidade, onde diz: *Por isso, no caso destas últimas, é impossível que ambas sejam verdadeiras ao mesmo tempo*, etc.

12. Primeiro, então, ele distingue os diversos modos de oposição e, visto que estes dependem de uma diversidade no sujeito, devemos primeiro considerar esta última diversidade. Ora, o universal pode ser considerado ou em abstração dos singulares ou como está nos singulares, e por conta disso algo é atribuído de modos diversos ao universal, como já dissemos. Para designar os modos diversos de atribuição, certas palavras foram concebidas, que podem ser chamadas de determinações ou sinais e que designam que algo é predicado neste ou naquele modo.

Mas, primeiro, devemos notar que, como não é comumente apreendido por todos os homens que os universais subsistem fora dos singulares, não há palavra na fala comum para designar o modo de predicar no qual algo é dito de um universal assim em abstração dos singulares. Platão, que defendia que os universais subsistem fora dos singulares, contudo, inventou certas determinações para designar a maneira pela qual algo é atribuído ao universal como está fora dos singulares. Com respeito à espécie homem, ele chamou o universal separado subsistindo fora dos singulares de "homem *per se*" ou "o próprio homem", e designou outros tais universais de maneira semelhante.

O universal como está nos singulares, no entanto, cai dentro da apreensão comum dos homens e, conseqüentemente, certas palavras foram concebidas para significar o modo de atribuir algo ao universal tomado desta maneira.

13. Como foi dito acima, às vezes algo é atribuído ao universal em vista da própria natureza universal; por esta razão, é dito ser predicado do universal universalmente, i.e., que pertence ao universal segundo a totalidade da multidão na qual é encontrado. A palavra "todo" foi concebida para designar isto em predicacões afirmativas. Ela designa que o predicado é atribuído ao sujeito universal com respeito a tudo o que está contido sob o sujeito. Em predicacões negativas, a palavra "nenhum" foi concebida para significar que o predicado é removido do sujeito universal segundo a totalidade do que está contido sob ele. Portanto, dizer *nullus* em latim é como dizer *non ullus* [nenhum algum] e em grego *ουδεις* [nenhum] é como *ουδε εις* [nem um], pois nem um único é entendido sob o sujeito universal do qual o predicado não é removido.

Às vezes algo é ou atribuído ao ou removido do universal em vista do particular. Para designar isto em enunciações afirmativas, a palavra "algum", ou "um certo", foi concebida. Designamos por isto que o predicado é atribuído ao sujeito universal por razão do particular. "Algum", ou "um certo", no entanto, não significa a forma de nenhum singular determinadamente, antes, designa o singular sob uma certa indeterminação. O singular assim designado é, portanto, chamado de indivíduo vago. Em enunciações negativas não há uma palavra designada, mas "nem todo" pode ser usado. Assim como "nenhum", então, remove universalmente, pois significa a mesma coisa que se disséssemos "não algum" (i.e., "não algum"), também "nem todo" remove particularmente na medida em que exclui a afirmação universal.

14. Há, portanto, três tipos de afirmações nas quais algo é predicado de um universal: numa, algo é predicado do universal universalmente, como em "Todo homem é animal"; noutra, algo é predicado do universal particularmente, como em "Algum homem é branco". A terceira é a afirmação na qual algo é predicado do universal sem uma determinação de universalidade ou particularidade. Enunciações deste tipo são costumeiramente chamadas de indefinidas. Há o mesmo número de negações opostas.

15. No caso do singular, embora algo seja predicado dele sob um aspecto diferente, como foi dito acima, o todo é referido à sua singularidade porque a natureza universal é individuada no singular; portanto, não faz diferença para a natureza da singularidade se algo é predicado do singular em razão da natureza universal, como em "Sócrates é homem", ou lhe pertence em razão de sua singularidade.

16. Se adicionarmos o singular aos três já mencionados, haverá quatro modos de enunciação relativos à quantidade: universal, singular, indefinida e particular.

17. Aristóteles atribui as diversas oposições das enunciações de acordo com essas diferenças. A primeira oposição baseia-se na diferença entre universais e indefinidas; a segunda, na diferença entre universais e particulares, sendo esta última tratada onde ele diz: *A afirmação se opõe à negação do modo que chamo de contraditória*, etc. Com respeito à primeira oposição, a entre universais e indefinidas, trata-se primeiro da oposição das proposições universais entre si e, em seguida, da oposição das enunciações indefinidas, onde ele diz: *Por outro lado, quando as enunciações são de um universal, mas não enunciado universalmente*, etc. Finalmente, ele previne uma questão possível onde diz: *No predicado, contudo, o universal predicado universalmente não é verdadeiro*, etc.

18. Ele diz primeiro, então, que se alguém enuncia universalmente de um sujeito universal, i.e., segundo o conteúdo de sua universalidade, que ele é, i.e., afirmativamente, ou não é, i.e., negativamente, essas enunciações serão contrárias; como quando dizemos: "Todo homem é branco", "Nenhum homem é branco". E a razão é que as coisas que estão mais distantes entre si são ditas contrárias. Pois uma coisa não é dita negra apenas porque não é branca, mas porque, além de não ser branca — o que significa a remoção do branco em comum —, é, adicionalmente, negra, o extremo em distância do branco. O que é afirmado pela enunciação "Todo homem é branco" é, então, removido pela negação "Nem todo homem é branco"; a negação, portanto, remove o modo pelo qual o predicado é dito do sujeito, que a palavra "todo" designa. Mas, além dessa remoção, a enunciação "Nenhum homem é branco", que está mais distante de "Todo homem é branco", adiciona a remoção total, e isso pertence à noção de contrariedade. Ele, portanto, chama apropriadamente essa oposição de contrariedade.

19. Quando ele diz: *Por outro lado, quando as enunciações são de um universal, mas não enunciado universalmente*, etc., ele mostra que tipo de oposição existe entre afirmação e negação nas enunciações indefinidas. Primeiro, ele expõe o ponto; em seguida, manifesta-o com um exemplo quando diz: *Entendo por "enunciado de um universal, mas não universalmente"*, etc. Finalmente, dá a razão para isso quando diz: *Pois, embora "homem" seja um universal, não é usado como universal*, etc.

Ele diz primeiro, então, que quando algo é afirmado ou negado de um sujeito universal, mas não universalmente, as enunciações não são contrárias, mas as coisas que são significadas podem ser contrárias. Ele esclarece isso com exemplos onde diz: *Entendo por "enunciado de um universal, mas não universalmente"*, etc. Note, em relação a isso, que o que ele disse imediatamente antes foi "quando... de universais, mas não enunciados universalmente" e não "quando... de universais particularmente", a razão sendo que ele pretende falar apenas de enunciações indefinidas, não de particulares. Isso ele manifesta pelos exemplos que dá. Quando dizemos "Homem é branco" e

"Homem não é branco", os sujeitos universais não as tornam enunciações universais. Ele dá como razão para isso que, embora homem, que está como sujeito, seja universal, o predicado não é predicado dele universalmente porque a palavra "todo" não é adicionada, a qual não significa o universal em si, mas o modo de universalidade, i.e., que o predicado é dito universalmente do sujeito. Portanto, quando "todo" é adicionado ao sujeito universal, significa sempre que algo é dito dele universalmente.

Toda esta exposição se relaciona com o que ele diz: *Por outro lado, quando as enunciações são de um universal, mas não enunciado universalmente, elas não são contrárias.*

20. Imediatamente após isso, ele adiciona: *embora seja possível que as coisas significadas sejam contrárias*, e apesar de isso ser obscuro, ele não o explica. Tem sido, portanto, interpretado de diferentes maneiras.

Alguns relacionaram isso à contrariedade de verdade e falsidade própria a enunciações desse tipo. Pois tais enunciações podem ser simultaneamente verdadeiras, como em "Homem é branco" e "Homem não é branco", e, assim, não serem contrárias, pois contrários se destroem mutuamente. Por outro lado, uma pode ser verdadeira e a outra falsa, como em "Homem é animal" e "Homem não é animal", e, assim, em razão do que é significado, parecem ter um certo tipo de contrariedade.

Mas isso não parece se relacionar com o que Aristóteles disse: primeiro, porque o Filósofo ainda não tratou do ponto da verdade e falsidade das enunciações; segundo, porque essa mesma coisa pode ser dita também das enunciações particulares.

21. Outros, seguindo Porfírio, relacionam isso à contrariedade do predicado. Pois, às vezes, o predicado pode ser negado do sujeito devido à presença do contrário nele, como quando dizemos "Homem não é branco" porque ele é negro; assim, poderia ser o contrário que é significado por "não é branco".

Isso não é sempre o caso, contudo, pois removemos algo de um sujeito mesmo quando não é um contrário que está presente nele, mas algum meio-termo entre contrários, como ao dizer "Fulano não é branco" porque é pálido; ou quando há privação de ato ou hábito ou potência, como ao dizer "Fulano é não-vidente" porque lhe falta o poder da visão ou tem um impedimento de modo que não pode ver, ou mesmo porque algo não é de tal natureza a ver, como ao dizer "Uma pedra não vê". É, portanto, possível que as coisas significadas sejam contrárias, mas as enunciações em si mesmas não o sejam; pois, como é dito perto do final deste livro, *opiniões que são sobre contrários não são contrárias*, por exemplo, uma opinião de que algo é bom e uma opinião de que algo é mau.

22. Isso também não parece se relacionar com o que Aristóteles propôs, pois ele não está tratando aqui da contrariedade de coisas ou opiniões, mas da contrariedade de enunciações. Por essa razão, parece melhor seguir aqui a exposição de Alexandre.

De acordo com sua exposição, nas enunciações indefinidas não é determinado se o predicado é atribuído ao sujeito universalmente (o que constituiria contrariedade de enunciações), ou particularmente (o que não constituiria contrariedade de enunciações). Consequentemente, enunciações desse tipo não são contrárias no modo de expressão. Contudo, às vezes elas têm

contrariedade em razão do que é significado, i.e., quando algo é atribuído a um universal em virtude da natureza universal, embora o sinal universal não seja adicionado, como em "Homem é animal" e "Homem não é animal", pois, em virtude do que é significado, essas enunciações têm a mesma força que "Todo homem é animal" e "Nenhum homem é animal".

23. Quando ele diz: *Mas, quanto ao predicado, o universal predicado universalmente não é verdadeiro*, etc., ele previne uma certa dificuldade. Ele já afirmou que há uma diversidade na oposição das enunciações devido ao universal ser tomado ou universalmente ou não universalmente por parte do sujeito. Alguém poderia pensar, como consequência, que uma diversidade similar surgiria por parte do predicado, i.e., que o universal poderia ser predicado tanto universalmente quanto não universalmente. Para excluir isso, ele diz que, no caso em que um universal é predicado, não é verdadeiro que o universal seja predicado universalmente.

Há duas razões para isso. A primeira é que tal modo de predicar parece ser incompatível com o predicado em relação ao seu status na enunciação; pois, como foi dito, o predicado é uma parte quase formal da enunciação, enquanto o sujeito é uma parte material dela. Ora, quando um universal é afirmado universalmente, o próprio universal é tomado de acordo com a relação que tem com os singulares contidos sob ele, e quando é afirmado particularmente, o universal é tomado de acordo com a relação que tem com algum dos que estão contidos sob ele. Assim, ambos pertencem à determinação material do universal. É por isso que não é apropriado adicionar o sinal universal ou particular ao predicado, mas sim ao sujeito; pois é mais apropriado dizer "Nenhum homem é um asno" do que "Todo homem é nenhum asno"; e, da mesma forma, dizer "Algum homem é branco" do que "Homem é algum branco".

No entanto, às vezes os filósofos colocam o sinal particular junto ao predicado para indicar que o predicado está em mais do que o sujeito, e isso especialmente quando têm em mente um gênero e estão investigando as diferenças que completam a espécie. Há um exemplo disso em *II De anima* [1:412a 22], onde Aristóteles diz que a alma é "um certo ato".

A outra razão está relacionada à verdade das enunciações. Isso tem um lugar especial nas afirmações, que seriam falsas se o predicado fosse predicado universalmente. Portanto, para manifestar o que afirmou, ele acrescenta: pois não há afirmação na qual, i.e., verdadeiramente, um predicado universal será predicado universalmente, i.e., na qual um predicado universal é usado para predicar universalmente, por exemplo, "Todo homem é todo animal". Se isso pudesse ser feito, o predicado "animal", de acordo com os singulares contidos sob ele, teria que ser predicado dos singulares contidos sob "homem"; mas tal predicação não poderia ser verdadeira, quer o predicado esteja em mais do que o sujeito, quer seja conversível com o sujeito; pois então qualquer homem teria que ser todos os animais ou todos os seres risíveis, o que é incompatível com a noção do singular, que é tomado sob o universal.

A verdade da enunciação "Todo homem é suscetível de toda disciplina" não é um exemplo que possa ser usado como objeção a esta posição, pois não é "disciplina" que é predicada do homem, mas "suscetível de disciplina". Seria incompatível com a verdade se fosse dito que "Todo homem é tudo suscetível de disciplina".

24. Por outro lado, embora o sinal universal negativo ou o sinal particular afirmativo sejam mais apropriadamente colocados na parte do sujeito, não é incompatível com a verdade se eles forem

colocados na parte do predicado, pois tais enunciações podem ser verdadeiras em alguma matéria. A enunciação “Todo homem é nenhuma pedra”, por exemplo, é verdadeira, e também “Todo homem é algum animal”. Mas a enunciação “Todo homem é todo animal”, em qualquer matéria que ocorra, é falsa. Há outras enunciações deste tipo que são sempre falsas, como “Algum homem é todo animal” (que é falsa pela mesma razão que “Todo homem é todo animal” é falsa). E se há outras como estas, são sempre falsas; e a razão é a mesma em todos os casos. E, portanto, ao rejeitar a enunciação “Todo homem é todo animal”, o Filósofo quis que se entendesse que todas as enunciações semelhantes devem ser rejeitadas.

Revision #1

Created 19 September 2026 23:34:36 by Admin

Updated 19 September 2026 23:34:53 by Admin